

ARTE E CURADORIA COMO VIAS DE INSUBORDINAÇÃO DIGITAL EM TEMPOS DE CRISE

ANA MARTHA BONAT NOGUEIRA¹; LAUER ALVES NUNES DOS SANTOS²

¹Universidade Federal de Pelotas – anamarthabn@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – lauer.ufpel@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho parte de uma pesquisa em andamento vinculada ao Mestrado em Artes do Programa de Pós-Graduação em Artes da Universidade Federal de Pelotas (PPGARTES/UFPEL), inserida na linha de pesquisa de Histórias e Teorias das Artes e Transversalidades. O referido estudo tem como tema as práticas artísticas e expositivas no ciberespaço. Desse modo, busca mapear e investigar ações significativas concebidas nesse contexto nos últimos anos, com foco na apropriação do espaço digital como possível lugar de arte por parte de museus, instituições culturais, grupos acadêmicos e iniciativas independentes.

Em uma perspectiva histórica, torna-se evidente que as transformações na esfera tecnológica implicam em novas formas de viver, se relacionar, produzir, consumir e ver o mundo e, por conseguinte, impactam as mais diversas áreas do conhecimento. Nesse sentido, a imersão digital que passamos a experienciar com a popularização da *internet*, dos computadores e dos dispositivos móveis irrompe como uma questão contemporânea também no campo da arte. Artistas, curadores e pesquisadores passam a endereçar essas “vivências tecnológicas” com um olhar crítico e questionador (SANTAELLA, 2003; BULHÕES, 2022), pois, como veremos, o universo digital se relaciona diretamente com as estruturas sociais, políticas e mercadológicas. Essas relações também reverberam na esfera cultural, afetando construções simbólicas, estéticas e discursivas e atravessando aspectos de subjetividade e identidade dos usuários da rede.

São questões que atingem novas dimensões frente às crises que enfrentamos recentemente: em 2020, a crise sanitária de Covid-19, momento em que passamos a depender exclusivamente das tecnologias digitais para prosseguir com as atividades cotidianas; e a crise política que marca o Brasil no mesmo período, com um governo que promove o desmonte da cultura e da educação (ABREU, 2020). Ainda que o cenário descrito não tenha nada de próspero, uma brecha se abre para a reinvenção de caminhos e estratégias no mundo da arte. Fechados pelo isolamento, museus e instituições arquitetam formas de dispor acesso *online* aos seus acervos e programações para seguir na ativa (BULHÕES, 2022). Agentes e entidades do sistema da arte passam a explorar as possibilidades do meio digital, assim como artistas e curadores, que incorporam os aspectos políticos e estéticos da cultura digital em suas poéticas, exposições e pesquisas.

Diante desse contexto, propomos aqui um desdobramento da pesquisa de Mestrado supracitada, buscando investigar como as práticas artísticas e curatoriais podem constituir vias de insubordinação no ciberespaço ao questionar discursos de normatização e controle da sociedade e politizar o debate em torno da tecnologia (MACHADO, 2007), sobretudo em tempos críticos. Para tanto, introduziremos a coleção digital “ARTEMÍDIAMUSEU” (2021-2023), iniciativa pública, acadêmica e sem fins lucrativos, fruto de uma parceria entre o grupo de pesquisa Academia de Curadoria (CNPq/UnB) e o Museu Nacional da República (Brasília/DF).

2. METODOLOGIA

O trabalho busca apoio teórico em autores da cibercultura, da curadoria e das relações entre arte e tecnologia, a exemplo de LÉVY (1999), SANTAELLA (2003), MACHADO (2007) e BULHÕES (2022). Em seguida, aproxima-se do período de crise no contexto brasileiro, com vistas a investigar a arte e a curadoria como possíveis vias de insubordinação no ciberespaço.

Trata-se, portanto, de uma pesquisa qualitativa de caráter exploratório. Junto ao levantamento bibliográfico, optamos por introduzir a coleção de arte digital “ARTEMÍDIAMUSEU” (2021-2023), a fim de enriquecer a discussão proposta.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para pensar a arte em qualquer período, devemos pensar nas relações próprias (e possíveis) do contexto em que ela está incorporada; contexto esse que envolve dimensões sociais, políticas, econômicas, culturais, comunicacionais e tecnológicas. Isso porque, para que um artista produza, ele “depende de suportes, dispositivos e recursos. [...] esses meios, através dos quais a arte é produzida, exposta, distribuída e difundida, são históricos” (SANTAELLA, 2003, p. 151). Cabe ressaltar que o elo sociedade-tecnologia não se sustenta apenas na renovação desses dispositivos: é um elo mais complexo, pois nos atravessa enquanto sujeitos.

O século XX traz uma sucessão ininterrupta de tecnologias que produzem deslocamentos no sistema da arte, condição que se revigora quando entram em cena computadores capazes de gerar imagens numéricas, usados pelos primeiros artistas da arte computacional (SANTAELLA, 2003). Novas formas de arte não param de irromper das tecnologias, cada vez mais incorporadas ao cotidiano. Nesse sentido, o ciberespaço, “novo espaço de comunicação, de sociabilidade, de organização e de transação, mas também novo mercado de informação e do conhecimento” (LÉVY, 1999, p. 32) se torna lugar de arte, à medida que viabiliza formas inéditas de criação, exposição e recepção artística (BULHÕES, 2022).

Ao mesmo tempo em que traz possibilidades favoráveis à experiência humana, o mundo digital também suscita questões que pedem uma postura mais crítica e consciente: vigilância de dados, *fake news*, ausência de privacidade, manipulação por algoritmos, uso desregulado e irresponsável das inteligências artificiais, excesso de informação (e desinformação), esvaziamento das subjetividades, entre outras. Essa realidade digital reflete as dinâmicas de poder e os interesses ideológicos dominantes, visto que “o caráter democrático da rede mascara o monopólio do desenvolvimento tecnológico das comunicações, que se apresenta como uma decisiva instância de dominação política e econômica” (BULHÕES, 2022, p. 19). Isso se torna cada vez mais aparente e ganha novas dimensões em momentos de crise, como na pandemia de Covid-19, e sobretudo no Brasil, onde o presidente da época flerta às claras com a necropolítica e, indo “em direção contrária aos dirigentes de outros países, incentiva a população a sair do isolamento social e voltar a ter uma vida normal, falas que são amplamente divulgadas em suas redes sociais” (ABREU, 2020, p. 92).

Por outro lado, em um tempo em que não se pode socializar fisicamente, o digital passa a ser o principal espaço de “convívio” social. Assim, se torna também um local de mobilização contra as condutas políticas desastrosas testemunhadas no país, ou seja, um local de insubordinação: se os discursos oficiais são a favor do neoliberalismo, da necropolítica e do negacionismo científico, surge também uma forma de contestação, de resistência, que busca tomar a via contrária:

a *internet* se tornou um território amplo de demonstrações de condutas submissas ao poder, mas, também, de contracondutas reativas, práticas de resistência e liberdade que buscam caminhos para a criação de novos processos de subjetivação, valorização da vida e das diferenças. São contrarreações ao neoliberalismo, seus robôs informáticos e seu poder econômico que sustenta uma malha invisível [...] de mentiras e violações nos canais digitais (ABREU, 2020, p. 95).

Somados ao contexto pandêmico e político descrito, temos a promoção do desmonte da cultura e da educação pelo mesmo governo (ABREU, 2020) e um cenário em que a tecnologia toma, talvez mais do que nunca, lugar de extensão do corpo humano, com a urgência de atividades remotas e a ansiedade causada pela hiperconexão ininterrupta. Diante de tudo isso, a arte e a curadoria configuram-se como vias de insubordinação, promovendo a apropriação do ciberespaço como lugar de arte e sua ocupação por artistas críticos e combativos em suas produções. Em uma perspectiva parecida, Arlindo Machado pontua que, conforme

a arte migra do espaço privado e bem definido do museu, da sala de concertos ou da galeria de arte para o espaço público e turbulento [...] da *Internet*, [...] ela muda de estatuto e alcance, configurando novas e estimulantes possibilidades de inserção social. Esse movimento é complexo e contraditório, como não poderia deixar de ser, pois implica um gesto positivo de apropriação, compromisso e inserção numa sociedade de base tecnocrática e, ao mesmo tempo, uma postura de rejeição, de crítica, às vezes até mesmo de contestação (MACHADO, 2007, p. 30).

Mas como um meio que conecta, por um lado, e aliena, pelo outro, pode ser apropriado pela arte e pela curadoria em prol de uma contaminação do sensível e das subjetividades? Como indicam ações realizadas na pandemia, a articulação entre agentes do sistema da arte via *internet* surge como catalisador de iniciativas exemplares, que tomam rotas alternativas em busca de diversidade e pluralidade de vozes (PAIVA, 2022). Segundo BULHÕES (2022, p. 196), “conectar pessoas de regiões remotas e diferentes passou a ser realidade no circuito da arte, dando espaço a silenciados e rompendo tradicionais barreiras existentes”.

Diante disso, trazemos como exemplo a coleção digital “ARTEMÍDIAMUSEU”, fruto da parceria entre o grupo de pesquisa Academia de Curadoria (CNPq/UnB) e o Museu Nacional da República (Brasília/DF), museu público de artes visuais. A ação, que parte da premissa de institucionalização das artes digitais no âmbito museal, explora de modo crítico a realidade digital atual com três exposições *online* concebidas entre 2021 e 2023. Ao lançar mão de uma curadoria colaborativa, o projeto “busca processos de trabalho mais horizontais [...] promovendo variedade de narrativas e sentidos dentro da curadoria. [...] Essa prática lança luz à crítica institucional, além de proporcionar vozes polifônicas” (AVELAR, 2022, p. 6).

Trata-se de um exemplo de como pensar a prática curatorial no ciberespaço de modo a trabalhar não somente a arte contemporânea digital, cujas produções muitas vezes se encontram às margens dos lugares “legitimadores” da arte, visto que não seguem suportes tradicionais, mas também pautas que merecem ser amplificadas. Entre estas, podemos citar: os diálogos entre a arte e o momento de crise pandêmica-política, as relações corpo-máquina suscitadas pelo isolamento e pela imersão digital, a problemática da vigilância, a desigualdade do acesso digital, o digital como espaço apropriado por narrativas insurgentes, dissidentes e contra-hegemônicas, a efemeridade e o esquecimento que atravessam esses espaços de conectividade, entre tantas outras.

Segundo a coordenadora geral da Academia de Curadoria, Ana Avelar, a curadoria do projeto dá ênfase a “artistas que trabalham a partir de diferentes regiões do país, diversos em termos de grupos sociais e usos de tecnologias em

suas produções” (AVELAR, 2022, p. 7). Para a primeira exposição *online*, “Segue em anexo”, são selecionados três artistas digitais brasileiros: Vitória Cribb, Bruno Kowalski e Giselle Beiguelman. Cada um ganha uma página no *site* com três obras expostas, “sendo a obra em destaque aquela destinada à doação para a coleção” (AVELAR, 2022, p. 11), que passa a integrar o acervo do museu. Os conceitos trabalhados incluem os afetos, sensações e questões éticas nas relações corpo-máquina (Cribb); as subjetividades nas múltiplas telas que ocupamos (Kowalski); e as relações entre memória e efemeridade, movimentos e disputas sociais frente aos avanços tecnológicos (Beiguelman) (ACADEMIA DE CURADORIA, 2024).

Em “Arquivo indisponível” (2023), a curadoria traz questões como o controle e a vigilância no ciberespaço e as relações entre imagem e consumo, apresentando Gabriel Massan, loveletter.exe e Lucas Bambozzi. As obras ampliam a discussão do meio digital a partir de narrativas que questionam organizações sociais, com a concepção de mundos e seres fictícios (Massan) e as subjetividades em rede, vítimas da constante vigilância, do controle de dados na navegação e da falta de privacidade (loveletter.exe e Bambozzi) (ACADEMIA DE CURADORIA, 2024).

Por fim, para a terceira e última exposição *online* da coleção, “Aceitar e continuar” (2023), quatro artistas são selecionados: Biarritz, Gilberto Prado, Suzete Venturelli e Denu. Como nas outras duas exposições, o projeto curatorial e as obras trabalham a imersão digital, partindo da reflexão dos “pactos que fazemos com a cultura digital e como [...] estamos agindo sem avaliar as consequências de nossas escolhas automatizadas” (ACADEMIA DE CURADORIA, 2024, p. 92).

4. CONCLUSÕES

Diante do exposto, investigamos a arte e a curadoria como possíveis vias de insubordinação, sobretudo em momentos críticos, encontrando indícios em práticas expositivas de questionamento e contestação que se apropriam do ciberespaço. Manifestações artísticas e curatoriais conscientes e subversivas formam potentes vias de insubordinação digital, inaugurando caminhos que podem levar a novos territórios de sensibilidade e libertação. Assim como BULHÕES (2022, p. 197), concluímos que “o uso da *internet* para fomentar, articular e difundir ações mais críticas, pluralistas e inclusivas pode ser uma via, em uma perspectiva micropolítica, para fazer emergir novas subjetividades e, delas, novas realidades”.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABREU, C. L. Contravisualidades: práticas de resistência em tempos de pandemia e *fake news*. **Revista Concinnitas**, [S. l.], v.21, n.38, p. 90-106, 2020.
- ACADEMIA DE CURADORIA. **Catálogo da coleção ARTEMÍDIAMUSEU** [livro eletrônico]. São Paulo: Academia de Curadoria, 2024.
- AVELAR, A. Segue em anexo: experiência curatorial nas artes digitais. In: **31º ENCONTRO NACIONAL DA ANPAP - EXISTÊNCIAS**. Anais do 31º Encontro Nacional da ANPAP. Recife: Even3, 2022. p. 1-16.
- BULHÕES, M. A. Museus de arte, das práticas coloniais aos desafios da virada digital. **MODOS: Revista de História da Arte**, Campinas, v.6, n.2, p.179-200, 2022.
- LÉVY, P. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.
- MACHADO, A. **Arte e mídia**. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.
- PAIVA, A. S. **A virada decolonial na arte brasileira**. Bauru: Mireveja, 2022.
- SANTAELLA, L. **Culturas e artes do pós-humano: da cultura das mídias à cibercultura**. São Paulo: Paulus, 2003.